

## Criação Científica e Artística\*

\*Conferencia na Maison de la Culture, Chalon s/Saone, 26/3/82

A crise da ciência moderna (Husserl) é, no fundo, crise do conhecimento moderno. A meta da ciência moderna é conhecimento “objetivo”. Tal meta vai se revelando inatingível e indesejável. Enquanto a meta for esta, a ciência será fonte preferencial de todo conhecimento. Todas as demais disciplinas (arte, política, filosofia, religião) fornecem conhecimentos menos objetivos. Esta a razão por que, durante a Idade Moderna, todas as essas disciplinas se esforçam, em vão, por se “cientifizar”. Mas, abandonada a meta da objetividade, todas as disciplinas passarão a ser fontes equivalentes de conhecimento. A equivalência e a complementaridade do conhecimento científico e artístico será o tema a ser discutido.

A ciência moderna se inicia por reformulação do conceito “teoria”. Para os gregos, “teoria” é a visão de formas “dadas”, imutáveis: das idéias armazenadas no transcendente. Para os gregos, “práxis” é a aplicação das formas teoricamente vistas sobre as aparências do mundo. Não há pois divorcio entre teoria e práxis, entre *episteme* e *techne*. O “cientista” confia a forma vista por ele ao “artista”, para que este a aplique. Que imprima a forma do sapato, vista pelo “cientista”, sobre o couro. Nem há divorcio entre “ciência” e filosofia. As formas vistas são sabedoria. Nem entre “ciência” e religião. As formas vistas são os “deuses” (são eternas).

Para a ciência moderna (a ciência *sensu structo*), “teoria” não mais é visão de formas “dadas”, mas criação de formas “feitas”. As formas deixam de ser “idéias” e passam a ser “modelos”. A ciência cria modelos a fim de captar as aparências, explica-las e altera-las. Destarte, surge dialética entre forma e aparência, teoria e observação; teorias são feitas para permitir a observação, e observações são feitas para permitir a elaboração de novas teorias. Tal dialética é o método da ciência moderna. Sua extraordinária dinâmica se deve ao fato de que observações são feitas, não para comprovar, mas para refutar teorias. Destarte, surgem sempre novas teorias, e a dinâmica do “progresso”, este conceito que não tem sentido antes da Idade Moderna.

Tal reformulação da “teoria” tem por consequência a técnica: toda nova teoria exige nova práxis (técnica), e toda nova técnica provoca nova teoria. E isto implica curiosa reformulação do conceito “arte”. Surge um tipo de práxis, jamais visto antes, que não participa diretamente da dialética “ciência-técnica” e que consiste na criação de novas formas “estéticas”, isto é, vivenciadas. Tais formas não têm valor epistemológico no significado científico do termo. Tal “arte moderna” é, pois, eliminada da correnteza do progresso e, embora ideologicamente glorificada, é efetivamente expulsa da vida cotidiana e encerrada em gueto. A função tradicional da arte, a de imprimir formas teóricas sobre as aparências, é doravante assumida pela técnica.

Simultaneamente vai sendo reformulado o conceito “filosofia”. Se não há mais “formas imutáveis” a ser contempladas, a filosofia passa lentamente a mera teoria das teorias científicas, a metadiscorso de mais em mais abstrato. E quanto a religião, esta acaba sendo ou expressão de ideologias “pré-científicas”, ou de preocupações existenciais, sobretudo da morte. Ainda falarei sobre o impacto da ciência moderna sobre a política, a ética, em suma, sobre a vida cotidiana.

A teoria moderna, tal criação de modelos captadores das aparências, repousa sobre hipótese ontológica nem sempre claramente conscientizada. O homem seria capaz de transcender as aparências, vê-las de “fora”, “objetivamente”. Mas é preciso constatar que os modelos criados em tal transcendência têm a estrutura da razão humana: a da lógica e da matemática, e não são “trans-humanos”. Para poder dar o salto rumo a tal curiosa transcendência, o aprendiz de cientista deve passar por espécie de iniciação, espécie de catarse. Deve purificar-se de valores, sejam eles políticos e éticos, sejam estéticos, e conservar apenas a “razão pura”. Destarte, os modelos

teóricos que ele vier a criar serão “conhecimento objetivo”, isento de preconceitos. Conhecimento wertfrei=isento de valores. Os modelos de teoria científica estarão “acima” da ética, da política, da arte, em suma, “acima” do mundo que visam captar para conhecê-lo e alterá-lo.

A crise da ciência moderna é consequência da dupla crítica a tal hipótese ontológica nem sempre concretizada. (1) Tal transcendência “objetiva” é impossível. Não importa o que o homem faz; inclusive quando conhece, o homem continua preso ao mundo. Isto é: preso aos valores. Os modelos da teoria científica não são isentos de valores, mas são modelos que se querem isentos de valores, portanto são, eles próprios, valores. Isto é: valorizam a “razão pura”. Mais ainda: sobrevalorizam a razão “pura”. O que fornecem não é “conhecimento transcendente, objetivo”, mas conhecimento parcial, relativo a determinado ponto de vista. Por exemplo: objetos pesados não caem “objetivamente” com aceleração geométrica, mas o fazem do ponto de vista da razão estruturada matematicamente. A objetividade não é atingível pelo homem. (2) tal curiosa transcendência seria indesejável, se fosse possível. Cientistas não são super-homens, mas gente amputada de valores, gente handicpada, infra-homens. Seu conhecimento extra-ético, extrapolítico, extra-estético é, na realidade, conhecimento des-eticizado, des-politizado, anestético, conhecimento truncado e portanto, neste sentido, falso. Leva a abstrações de mais em mais isentas, não de valores, mas de sentido. O universo das ciências teóricas é mais e mais universo “vazio”, e as alterações operadas no mundo pela técnica são mais e mais absurdas. Em outros termos: se a ciência e a técnica funcionam, são infra-humanas, e se são humanas, não funcionam. Destarte, a busca da objetividade vai-se revelando simultaneamente erro e crime.

Quem diz que o homem está sempre no mundo está dizendo que o homem está sempre com outros homens. Que tudo o que vai conhecendo, vivenciando e valorizando é conhecido, vivenciado e valorizado graças a outros, em conjunto com outros e para outros. Até os conhecimentos, vivências e valores aparentemente mais solitários. O conhecimento científico se quer conhecimento transcendente, do tipo de um deus solitário que tem visão objetiva. Se tal conhecimento fosse possível (o que não é o caso), seria conhecimento absurdo. Todo conhecimento humano, para ser conhecimento, deve ser intersubjetivo. A objetividade e a subjetividade (ciência e arte no significado moderno dos termos) não passam de horizontes abstratos da relação concreta que é conhecimento intersubjetivo. Em outros termos: todo conhecimento é concretamente político, e a ciência e arte modernas não passam de duas avenidas de acesso a tal concreticidade. Ciência e arte se concretizam politicamente.

A política é o campo concreto de inter-relações humanas no qual ciência e arte (objetividade e subjetividade) se sobrepõem uma a outra a fim de produzir conhecimento concreto, intersubjetivo. Portanto, política não é nem ciência, nem arte, mas é ambas as coisas e mais que ambas as coisas. O divórcio entre ciência e arte, tão característico da modernidade, destruiu o campo político, tal qual existiu na Idade Média e na Antiguidade. A ciência moderna despolitizou a vida com sua pretensa objetividade, e a arte moderna com sua (menos pretensa) subjetividade. O que restou no espaço político são teorias pseudocientíficas e expressões de emoções pseudo-estéticas, portanto políticas em sentido perigosamente sub-humano. A política em seu significado plenamente humano (a polis clássica e a catolicidade medieval) se perdeu. Perdeu-se o sentido da co-vivência, do co-conhecimento, da co-valorização, em suma: o sentido da vida.

A tendência atual na Europa e nos Estados Unidos de ultrapassar o divórcio entre a ciência e a arte não é, pois, mero engajamento epistemológico e estético, mas engajamento em nova sociedade. Não apenas tentativa de ultrapassar a crise da ciência e da arte, mas também a crise da sociedade. Libertar a arte de seu gueto e fazer com que substitua a técnica, e libertar a

ciência de sua crise epistemológica ao abri-la ao momento estético, é também, e sobretudo, libertar a sociedade do perigo da tecnocracia e abrir campo para novas formas políticas insuspeitas.

Não discutirei o termo nebuloso criação, mas lembrarei o approach informático que sugere que informação nova é criada por introdução de ruídos em informações redundantes. Isto é: o novo é criado ao se abrir o velho para o ainda-não-articulado. Neste sentido, não há diferença entre criação em ciência e em arte. Os cientistas sempre se têm aberto para vivências não-articuladas, e os artistas, para conhecimentos não-articulados. Toda criação científica é “obra de arte”, toda criação artística é “articulação de conhecimento”. Por exemplo: é fácil mostrar a vivência barroca no sistema de Newton, a romântica no sistema de Darwin, a geometria perspectivista nas pinturas renascentistas e a matemática dos conjuntos na composição de Schoenberg. O que é preciso fazer é levar ao nível da consciência tal ligação subterrânea que sempre tem unido ciência e arte. Tal ligação ininterrupta entre vivência e conhecimento deve ser conscientizada, se quisermos ter vivências e conhecimentos plenamente humanos, isto é: políticos, intersubjetivos.

Romper a barreira entre ciência e arte, fazer com que as faculdades científicas e as escolas de arte se confundam, significa abolir a técnica no sentido moderno. Técnica será novamente sinônimo de arte, como o foi antes da Idade Moderna; tecnologia será sinônimo de estética, e o período da tecnocracia terá sido conjurado. Porque a criação de novas formulas e sua aplicação ao mundo voltarão a ser o que sempre foram antes da Idade Moderna: criação e aplicação de formas vivenciadas, conhecidas e valorizadas. Quando os técnicos forem artistas, e os artistas, técnicos, o discurso científico passara a ser informado pelas vivências, o fazer artístico pelas teorias científicas, e tudo, teoria e práxis, será informado pelos valores ético-políticos da sociedade, como o era antes da Idade Moderna. O ideal platônico da verdade enquanto kalokagathia, o ideal romano do pulchre, bene, recte readquirira sua validade, e o atual clima do absurdo da vida será sido superado.

A utopia que acabo de esboçar parece estar ao nosso alcance. Os cientistas se tornam mais e mais conscientes do seu problema epistemológico, que é o fato de “descobrirem” no fundo das aparências apenas as estruturas da sua própria razão, as quais pra lá projetaram. Os técnicos sofrem mais e mais da consciência de sua responsabilidade política e começam a fazer face a isso. Os artistas se sentem mais e mais expulsos da sociedade, e sabem que são desempregados natos. e a cena política revela mais e mais o perigo de uma tecnocratização sub-humana. De maneira que tudo parece apontar a solução da crise: síntese da ciência e arte sob o signo da política, a superação da técnica por ciência informada pela arte, e arte informada pela ciência. No entanto, tal otimismo seria prematuro. Inúmeros preconceitos dos cientistas, técnicos, artistas e políticos e inúmeros interesses “investidos” obstam o caminho: o velho se defende do novo. O propósito desta conferência é precisamente contribuir para a conscientização do problema.

In ‘Ficções Filosóficas’, cap.30, páginas 171 a 176.